

CAPÍTULO 26

DESIGUALDADES SOCIAIS NAS VIVÊNCIAS SOCIOEDUCACIONAIS E NO DESEMPENHO EDUCACIONAL DOS ALUNOS: UM ESTUDO DE CASO NO IFMA DE IMPERATRIZ

Elidiane Muniz da Silva

RESUMO

Este trabalho analisa os reflexos das desigualdades sociais no âmbito escolar, no que diz respeito as formas de convivência e de desempenho educacional, tendo como objeto de estudo alunos participantes do Programa de Assistência Estudantil Primária do Instituto Federal do Maranhão, de Imperatriz. O estudo tem como base uma discussão teórica sobre as relações históricas e estruturais entre educação, pobreza e desigualdade social no Brasil e a forma como se planeja e executa as políticas educacionais, considerando a importância destas no enfrentamento das desigualdades sociais. O método usado na pesquisa é qualitativo e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com alunos (as) bolsistas do campus de Imperatriz que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica, conforme determina a Política de Assistência Estudantil do IFMA. O estudo engloba estudantes entre 15 e 18 anos, sendo que o objetivo é identificar como a situação socioeconômica tem impacto em dois processos: no modo como eles interagem com os colegas no âmbito do instituto e como se dá o acompanhamento das aulas e os rendimentos acadêmicos. Os resultados mostram que para os alunos participantes da pesquisa, a formação de grupos de amizade não é influenciada diretamente pela situação socioeconômica dos discentes, porém esta afeta em vários aspectos nos rendimentos e desempenhos acadêmicos de muitos dos estudantes que são oriundos de famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade social. Desempenho. Vivências.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta os resultados de uma análise sobre os impactos e reflexos das desigualdades sociais no âmbito escolar, no que diz respeito à interação entre os diferentes perfis de alunos e ao desempenho educacional. A pesquisa feita com os alunos participantes do Programa de Assistência Estudantil do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Campus Imperatriz, tem como objetivo compreender a influência da realidade socioeconômica dos alunos bolsistas nos processos de aprendizagem e na interação com os demais colegas. Este estudo faz parte do trabalho de conclusão do curso de especialização intitulado “Educação, Pobreza e Desigualdade Social”.

O IFMA passou por várias transformações e melhorias nos últimos anos, com ampliação do número de campi no interior do Estado e no quantitativo de cursos e de alunos matriculados. Essas mudanças, conseqüentemente, se refletem na atual e crescente diversidade de perfis socioeconômicos de discentes que entram no Campus Imperatriz. Por ser uma instituição de educação pública, que deve oferecer educação de forma indiscriminada, muitos alunos oriundos de classes sociais mais favorecidas que concluíram o ensino fundamental em escolas privadas, estão se matriculando no campus, fato que historicamente não acontecia no IFMA, pois este foi

originalmente criado com o intuito de proporcionar às classes economicamente desfavorecidas uma educação voltada para o trabalho.

No Brasil historicamente existiu uma educação diferenciada para as massas e outra para a elite, esta era direcionada para o ingresso no ensino superior, enquanto a educação das massas tinha a função profissionalizante (ARROYO, 2010). Os institutos federais foram criados em virtude das necessidades de novas demandas educacionais do setor industrial em crescimento no país. É o caso do IFMA, cuja história começou a ser construída no início do século XX, com a criação das Escolas de Aprendizes Artífices nas capitais dos Estados, estas escolas surgiram com o intuito de proporcionar as classes economicamente desfavorecidas uma educação voltada para o trabalho.

Foi através do Decreto-Lei Nº 4073\1942, que se instituiu a Lei Orgânica do Ensino Industrial, transformando o então Liceu Industrial de São Luís em Escola Federal de São Luís. Posteriormente, durante o regime militar, houve uma generalização do ensino profissional em ensino médio, por meio da chamada “profissionalização compulsória”, voltada de forma geral para os grupos economicamente mais desfavorecidos.

Essa predominância de alunos oriundos de classes de menor poder aquisitivo nas escolas técnicas profissionalizantes marcou historicamente o IFMA. No entanto, esta característica vem se alterando nos últimos anos, especificamente no campus do município de Imperatriz, com o ingresso de estudantes de classe mais abastadas, que frequentaram todo o processo educativo em escolas particulares de diferentes níveis de Imperatriz e/ou de outras cidades. Com isso, os alunos menos favorecidos, que tradicionalmente são majoritários no IFMA, passam a conviver com um novo perfil de alunos.

Nesta pesquisa, será possível entender de que maneira as diferentes origens socioeconômicas e de formação escolar contribuem e afetam nas interações entre colegas do campus e na formação de grupos de amizade. Através das entrevistas, por meio das falas dos alunos e das pesquisas no sistema acadêmico do IFMA, analisa-se o desempenho acadêmico dos mesmos e como este é influenciado pela realidade socioeconômica dos alunos participantes da pesquisa, a fim de observar se estes enfrentam e/ou enfrentaram dificuldades em se adaptar à dinâmica de estudo do IFMA. A proposta, de forma conjunta, visa entender como os Programas de Assistência ao Educando do IFMA influenciam em ambos os processos, uma vez que todos os alunos entrevistados participam de algum Programa de Assistência Primária, os quais são direcionados para alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

2. DESIGUALDADE SOCIAL, VIVÊNCIA E APRENDIZAGEM

A partir da Constituição Federal (CF) de 1988, as políticas educacionais se caracterizaram pelo processo de ampliação do quantitativo de vagas para a educação básica, no entanto, estes avanços não foram acompanhados da ampliação dos recursos financeiros necessários para essa expansão, nem de uma atenção, por parte do Estado, para a efetivação da oferta de uma educação pública de qualidade, como aponta Santos (2012). Diante disso, o que vem acontecendo é uma constante queda da qualidade do ensino público brasileiro.

No Brasil, o processo histórico de organização do sistema educacional se deu de forma desigual, com uma nítida separação entre a educação destinada para as elites dominantes e outra direcionada para as massas. De acordo com Freitag (1980), essa seletividade era importante para que a manutenção da tradicional estrutura entre exploradores e explorados continuasse a mesma do período colonial, sem mudanças profundas na estrutura da sociedade. A educação das massas era predominantemente profissionalizante e direcionada para suprir as demandas do trabalho industrial crescentes no país.

Com a CF de 1988, a educação está no rol dos direitos sociais e é tida como direito de todos, dever do Estado e da família, como forma de garantir a realização plena do ser humano, inseri-lo no contexto do Estado democrático de direito e qualificá-lo para o mundo do trabalho. Neste sentido, a educação tem como objetivo tanto o desenvolvimento pessoal do indivíduo, quanto da própria sociedade brasileira. Essa conquista para a educação no âmbito legal, foi fruto das demandas populares mais afetadas com as desigualdades socioeconômicas da época e que vivenciavam a pobreza no seu cotidiano.

Na atualidade, a educação brasileira continua com o histórico caráter seletivo e elitista, com o desprezo e sucateamento do ensino e das escolas públicas, utilizadas em sua maioria, pelos grupos mais empobrecidos da sociedade, o que faz com que as desigualdades continuem e se aprofundem cada vez mais, reproduzindo mais famílias e alunos (as) em situação de miséria, contribuindo para o aumento do desemprego ou inserção destes estudantes em empregos precarizados, com a consequente sobrevivência destes grupos sociais nos limites do suportável (SANTOS, 2012).

De acordo com dados do IBGE (2010), a taxa líquida de matrículas para o Ensino Fundamental é de 91,1%, apontando para a real universalização do acesso. Já o Ensino Médio, apesar das dificuldades, também vem passando por grande expansão, indo de uma taxa de 32,7% em 1999 para 50,9% (IBGE, 2010). Porém até no âmbito do acesso existe uma

desigualdade imensa entre os mais ricos e os mais pobres. O número de matrículas entre os jovens mais pobres de 15 a 17 anos foi de apenas 32%, enquanto as matrículas dos mais ricos é de 77,9% (IBGE, 2010).

Os índices da qualidade do ensino são ainda mais desiguais. A nota média das escolas públicas no SAEB é bem inferior à das privadas. Isso é preocupante, pois 90% dos alunos da educação básica estão matriculados na rede pública de ensino. O baixo nível da qualidade da educação pública, aliado aos condicionantes sociais e familiares dos alunos destas escolas, contribuem para uma expressiva evasão no sistema público – por volta de 4% no Ensino Fundamental e 12% no ensino médio, em contraposição a 0,1% e 6,2%, respectivamente, nas escolas privadas – e repetência – 12% no ensino fundamental e no Ensino Médio, enquanto no sistema privado esses índices são de 3,4% e 6,2% (INEP, 2009).

De acordo com Arroyo (2010), as medidas e estratégias utilizadas para a superação da baixa qualidade da educação pública brasileira e os consequentes índices preocupantes de aprendizagem dos alunos têm se concentrado, exclusivamente, no campo da educação escolar. São considerados critérios como analfabetismo, baixos níveis de escolarização, defasagens, evasões, repetências, desigualdades de percursos escolares, acesso, permanência e os níveis de desigualdade de aprendizagem intraescolar, e ignorados os determinantes das desigualdades sociais, regionais e raciais sobre as desigualdades escolares na formulação de políticas educacionais, bem como na sua gestão e avaliação.

Como evidencia Moysés (1995), um dos problemas mais graves das escolas públicas em todos os níveis é o baixo nível de aproveitamento dos alunos. A aprendizagem dos conteúdos escolares é algo que envolve os processos mentais superiores e se dá no interior de um ser social e historicamente contextualizado. Por isso, a importância de se compreender através das falas e perspectivas dos discentes do IFMA Campus Imperatriz, como estes se percebem enquanto estudantes de escola pública, oriundos de famílias em situação de pobreza que tiveram oportunidades socioeconômicas e educacionais diferentes de muitos de seus colegas e analisar até que ponto estes alunos compreendem que suas histórias de vida afetam o rendimento acadêmico e sua convivência no IFMA.

Isto porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo. Entretanto, para chegar a esse resultado a educação tem que partir, tem que tomar como referência, como matéria-prima de sua atividade, o saber objetivo produzido historicamente (SAVIANI, 2005, p. 7).

Costa (2012) aponta que ao longo da história brasileira, as políticas educacionais estiveram intimamente relacionadas ao contexto social, político e econômico de cada época, procurando adequar o sistema de ensino à estrutura social vigente ou em emergência. Diante disso, a educação servia de forma geral para a reprodução material da sociedade e manutenção do *status quo*.

Os desafios atuais para a educação brasileira são a efetivação dos princípios promulgados na CF de 1988, quais sejam, a formação integral do cidadão. Cabe ao processo educativo ensinar os seres humanos a criar e conviver em uma sociedade justa, igualitária, livre e solidária, onde todos e todas sejam respeitados e valorizados em suas dignidades e singularidades individuais, raciais, de gênero, opção sexual e regionais. Esse trabalho, desta forma, visa verificar através destes parâmetros de convívio social, em que nível estão as relações entre os alunos do IFMA Campus Imperatriz, tendo em vista as desigualdades sociais presentes no campus.

Para Poloto (2012), por estarem inseridos em um contexto de pobreza e desigualdade social, os alunos observam esse cenário crítico, que lhes provoca desestímulo e falta de perspectiva em relação às suas vidas e ao futuro. Existem ainda os problemas de ordem pessoal, social e familiar que comprometem a permanência em sala de aula e o processo ensino aprendizagem. Tudo isso, tem como consequência os elevados índices de repetência e evasão escolar, ou seja, o insucesso da educação pública.

Partindo-se da metodologia dialética, entende-se que:

O conhecimento tem sentido quando possibilita o compreender, o usufruir ou o transformar a realidade”. A finalidade do conhecimento é que possa colaborar na formação global do educando (consciência, caráter e cidadania), assim, o educador deve ter clareza dos objetivos que pretende atingir, deve ter convicção daquilo que pretende com o seu trabalho, deve saber o conteúdo e saber muito bem para poder fazer as mediações que desencadeiem em seus alunos as relações e as problematizações necessárias à transformação da realidade social (VASCONCELLOS, 1994, p. 34).

A ausência da articulação entre as políticas educacionais e o contexto social em que os alunos estão inseridos tem levado a ineficácia do processo educativo das escolas públicas, com a ausência de políticas educacionais estruturantes que possam contribuir de fato para diminuição das desigualdades sociais. O que vem acontecendo é a concentração em políticas compensatórias de carências morais, de valores, de atitudes dos estudantes oriundos de famílias pobres, que desta forma são responsabilizados por sua condição de pobreza (ARROYO, 2010).

Diante dessa realidade deve-se buscar a superação da ideia de que os desiguais são marginais em vários aspectos (cultural, civilizatório, moral, religioso, hábitos, valores) e o rompimento com a ideia que existe a cultura da pobreza entre os mesmos, situação que contribui para que a situação de pobreza fique no âmbito individual, como consequência da falta de cultura do trabalho e da preguiça, deixando assim de lado, os processos históricos e macrosociais de formação e reprodução da pobreza e da miséria, que não se limita a escassez material, mas em outros aspectos humanos.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS

Utilizou-se o método de pesquisa qualitativa neste trabalho para analisar e compreender as particularidades de cada aluno sujeito da pesquisa, pois o método qualitativo é o mais indicado para estudos onde se busca os significados, motivações, valores e crenças de um determinado grupo e estes não podem ser simplesmente reduzidos às questões quantitativas (MINAYO, 1996).

O principal instrumento utilizado para a coleta dos dados que serviram de base para a pesquisa foi a entrevista semiestruturada. Optou-se por este tipo de entrevista, que combina perguntas abertas e fechadas, onde os entrevistados tiveram a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Com este tipo de entrevista, buscou-se entender a lógica da vivência entre os alunos no universo do IFMA, de maneira que estes pudessem relatar suas experiências de forma relativamente livre e subjetiva. Foram entrevistados alunos na faixa etária entre 15 e 18 anos, do ensino médio-técnico integrado, que utilizam algum auxílio do Programa de Assistência Estudantil do IFMA e se encontram em famílias de baixa renda. Foram um total de 15 entrevistados, sendo 9 meninas e 6 meninos; 04 do primeiro ano; 02 do segundo e 09 do terceiro. As entrevistas foram realizadas nas dependências do IFMA, nos períodos de intervalo entre as aulas e tiveram duração média de 12 minutos.

O roteiro da entrevista foi dividido em quatro partes, sendo a primeira referente ao desempenho/rendimento dos alunos nos cursos do IFMA. Na segunda parte do roteiro estão as questões relacionadas à vivência dos estudantes no dia a dia do campus, as formas de interação entre os colegas do IFMA, a lógica para a formação dos vínculos de amizade, bem como as dificuldades e facilidades para realização de atividades de lazer entre os discentes do instituto. A terceira parte da entrevista aborda os dados socioeconômicos e familiares dos entrevistados, questões relacionadas aos integrantes e renda da família, nível de escolaridade dos pais ou/e

responsáveis, localização e estrutura domiciliar. Por último, tem-se os dados pessoais e acadêmicos do entrevistado.

4. RESULTADOS

4.1 Perfil contextual e socioeconômico dos alunos bolsistas entrevistados

Todos os alunos participantes da pesquisa estão inseridos no grupo de baixa renda, que de acordo com o Cadastro Único de Programas Sociais do Governo Federal (CADÚnico), são formados por famílias que têm uma renda *per capita* de até meio salário mínimo ou que ganham até três salários mínimos de renda mensal total.

Para 9 (nove) dos alunos entrevistados a renda familiar influencia muito ou totalmente no desempenho do IFMA. Questões como gastos com meios de transporte, com alimentação dentro e fora do campus (antes, durante e depois das aulas), materiais de apoio para os estudos no IFMA e na residência são fundamentais para o bom ou mau desempenho. Já 5 (cinco) responderam que esta variável não influencia tanto, pois os auxílios estudantis que recebem do IFMA ou de outros benefícios assistenciais contribuem para as despesas de manutenção. Apenas 1 (um) aluno acredita que a renda não interfere diretamente.

No processo seletivo para o IFMA, 10 (dez) dos alunos participantes da pesquisa foram isentos do pagamento da taxa de inscrição. Os outros 5 (cinco) pagaram a taxa. Importante citar que o critério para ser isento da taxa de inscrição é estar inscrito no CADÚnico. No que diz respeito à participação em cotas, 09 (nove) optaram por escola pública, 5 (cinco) por ampla concorrência e 1 (um) pela cota para deficientes. No entanto, dos alunos que optaram por ampla concorrência, apenas 2 (dois) estudaram em escola particular, sendo que destes 1 foi através de bolsa integral de estudos, o que caracteriza o grupo majoritariamente com formação do ensino fundamental em escolas públicas.

Dos discentes entrevistados, 5 (cinco) acreditam que a forma como fizeram o ensino fundamental influencia pouco ou moderadamente em seus desempenhos no IFMA, pois a escola era pública, mas de qualidade ou conseguiram se adaptar ao alto nível de exigência do IFMA por meio de estudo e dedicação. Outros 8 (oito) dos alunos responderam que o fato de terem estudado em escola pública afetou ou afeta negativamente os rendimentos no instituto, seja pelo baixo nível dos professores e/ou dos conteúdos insuficientes do ensino fundamental. Um (01) aluno considerou a influência positiva, pois estudou como bolsista em escola particular e conseguiu se adaptar ao IFMA. Por último, 1 (um) respondeu que mesmo tendo estudado em

escola particular teve muita dificuldade em acompanhar o ritmo de estudo do curso técnico integrado ao ensino médio.

No que diz respeito às questões externas à educação, 14 (catorze) residem na zona urbana e apenas 1 (um) na zona rural. Dos alunos entrevistados, 12 (doze) residem em casa própria, 2 (dois) em local alugado e 1 (um) não especificou o tipo de moradia. Todos possuem energia elétrica e água encanada em casa. Quanto à saúde, 14 (catorze) utilizam o sistema de saúde público, enquanto apenas 1 (um) utiliza plano de saúde privado.

Sobre a forma de transporte que possuem, o meio mais utilizado é o ônibus público (09 dos entrevistados). Outros meios utilizados são: moto (02 alunos), bicicleta (02 alunos), carro (01 aluna) e a pé (01 aluna). É importante enfatizar que foram inúmeros os exemplos de transtornos que afetam direta ou indiretamente o desempenho dos alunos no IFMA no que diz respeito ao sistema de transporte e a localização da residência. Dentre os alunos pesquisados, 14 (catorze) responderam que a localização residencial afeta seus respectivos desempenhos escolares. Os fatores negativos mais citados foram: distância em relação ao campus, perigo e violência nas ruas e bairros, precariedade do transporte público, atrasos de ônibus e irregularidades nos itinerários e horários. Quanto aos meios alternativos de transporte, os que utilizam bicicleta e motos citaram o cansaço e perigo a que estão expostos ao utilizarem estes veículos. Apenas 01(um) aluno não vê dificuldades, pois mora próximo do campus.

A questão familiar foi citada praticamente por todos os entrevistados como fator que influencia negativamente ou positivamente no desempenho acadêmico. Principalmente no que diz respeito a conflitos no seio da família, que podem desencadear desatenção e desinteresse nas aulas ou desestímulos para os estudos. O fato de ter ou não incentivo e apoio material e financeiro por parte dos familiares também foi muito comentado. A maioria das famílias são formadas por 4 a 5 pessoas, o que pode ser considerado um número elevado, considerando que o tamanho da família brasileira diminuiu em todas as regiões. Como mostram dados do IBGE, de 4,3 pessoas por família em 1981, chegou a 3,3 pessoas em 2001.

O número médio de filhos por família é de 1,6 filhos. Quanto ao nível de parentesco, 90% dos alunos pesquisados residem com os pais, sendo que 07 moram com a família nuclear formada por mãe, pai e demais familiares; 06 moram com mãe, padrasto e outros integrantes; 01 mora com pai e madrasta; e 01 aluna mora apenas com a irmã, por ser aluna migrante.

A maior parte dos pais tem o ensino médio completo, principalmente as mães. Uma parte dos alunos não soube responder qual era o nível de escolaridade do pai, pois não tem

contato com o mesmo. Como já foi colocado neste trabalho, a desigualdade social do Brasil deve ser considerada no processo educativo, pois alunos que se encontram em situação de maior vulnerabilidade socioeconômica, têm, na esmagadora maioria, poucos meios e estímulos para desenvolverem uma aprendizagem integral e/ou satisfatória. Nota-se que apenas 2 (dois) dos pais tem ensino superior, o que demonstra a realidade da maior parte das famílias dos estudantes das escolas públicas, com pais de baixa escolaridade.

Os alunos relataram a importância dos Programas de Assistência Estudantil para a permanência e bom desempenho nos respectivos cursos, tanto dos Auxílios Estudantis (alimentação, transporte, moradia) quanto do Programa de Monitoria e Aprimoramento Discente. O auxílio alimentação foi o mais citado pelos entrevistados, pois este possibilita aos bolsistas permanecerem o dia todo no campus, com a garantia do almoço ou do lanche. Os Programas de Assistência Estudantil do IFMA são regulamentados pela Política de Assistência ao Educando (Resolução Nº 064, de 05 de dezembro de 2014), que está estruturada em: Programas Universais e Programas Específicos.

Os Programas Universais são acessíveis para toda a comunidade discente, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento integral do estudante. Os Programas Específicos estão divididos em Assistência Primária e Assistência Secundária. A primeira visa o atendimento aos estudantes em situação de vulnerabilidade social, considerando, prioritariamente, a condição socioeconômica dos discentes, que deve ser avaliada por profissional do Serviço Social. A Assistência Secundária contribui para a formação acadêmica, considerando prioritariamente o conhecimento científico.

Os Programas de Assistência Primária são: Auxílio Alimentação, Auxílio Moradia, Auxílio Transporte e Bolsa de Estudos. Os Programas de Assistência Secundária são, entre outras, de Monitoria e Aprimoramento Discente. O Programa de Monitoria é desenvolvido como estratégia institucional para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, por meio de experiências pedagógicas e cooperação mútua entre discentes e docentes.

Em resumo, nota-se que os alunos entrevistados possuem dificuldades de acesso ao IFMA, e percebem carências prévias de educação, estes têm motivações para fazer o ensino superior para além dos pais, mas que conseguem manter-se nos cursos, em grande parte, em virtude dos auxílios estudantis e de muito esforço pessoal. Percebe-se como são positivas as experiências de bolsas e políticas efetivas que garantem a permanência e incentivam o bom desempenho dos alunos oriundos de famílias em situação de vulnerabilidade social.

4.2 Influências no desempenho acadêmico e no rendimento escolar

De acordo com Arroyo (2010), as desigualdades são responsáveis pelos maus desempenhos dos alunos e pelos problemas relacionados a evasões, repetências e desigualdades de percursos escolares. No entanto, a relação educação-políticas-desigualdades não é levada em consideração no processo de avaliação, formulação e execução das políticas educacionais.

De modo geral, essa realidade foi constatada entre os alunos participantes da presente pesquisa. A grande maioria citou dificuldades de desempenho relacionadas, principalmente, à adaptação ao nível de exigência nos estudos no IFMA, em virtude da base de conteúdos frágeis que tiveram no ensino fundamental das escolas públicas. Muitos citaram ainda dificuldades relacionadas à localização residencial e formas de transporte utilizados no traslado para o IFMA, que geram faltas e atrasos na sala de aula, cansaço e sono durante as aulas e, conseqüentemente, baixos rendimentos nas avaliações. Do mesmo modo, há também relatos sobre as ausências de espaços e materiais de estudo em casa, o que também gera queda nos rendimentos dos discentes. São fatores externos, mas que incidem no desempenho acadêmico.

Quando associados questões socioeconômicas e desempenho dos estudantes, observou-se uma multiplicidade de respostas. Alguns enfatizaram fatores como: recursos materiais de apoio, ausência ou problemas no ambiente doméstico para os estudos e dificuldade de alimentação no IFMA, como dificultadores do bom rendimento no curso. É o caso explicado pela entrevistada 05:

Sabemos que o IFMA é um instituto no qual a gente necessita muito de recursos para estudar e muitas vezes dentro de casa a gente não encontra isso, pelo fato de muitas vezes não termos computador nem internet disponível. Esse lado é parte da renda familiar, pois muitas vezes precisa-se de dinheiro para tirar Xerox. Isso influi diretamente no nosso desempenho porque as vezes a gente não tem dinheiro para tirar cópia de uma apostila e isso vai de alguma forma nos atrapalhar (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 23/09/2016).

No primeiro momento, os entrevistados não citaram questões externas e socialmente mais amplas como fatores determinantes do rendimento educacional. Relacionaram mais questões de âmbito pessoal, familiar e institucional, tais como, autoestima, dedicação e esforço individual dos alunos, comportamento da turma e relacionamento familiar, bem como nível da didática e interação dos professores, etc.

Porém, quando questionados sobre fatores mais abrangentes e externos determinantes do processo educativo, a maioria colocou questões como transporte público, estrutura da residência e da rua em que moram, questão de segurança pública, renda familiar, histórico educacional e profissional dos pais, como demonstra as falas dos entrevistados 04, 05 e 01,

respectivamente, quando questionados sobre a influência de questões socioeconômicas no desempenho acadêmico:

A questão dos professores (é óbvio), o desempenho deles, se têm uma boa didática, se eles têm acessibilidade para os alunos, porque nem todo aluno é igual, cada um tem as suas diferenças, suas qualidades, suas dificuldades. Também a questão da estrutura da escola. Negativamente questões familiares, ou seja, a pessoa que chega com algum problema da família não consegue assistir aula bem. Também a questão do cansaço, muitos moram nos arredores de Imperatriz, ou então até em outras cidades, vêm de muito longe e chegam cansados, com sono. Essa questão do sono é um dos maiores problemas dos alunos do IFMA (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 22/09/2016).

Fatores como a falta de condições financeiras para vir para a escola, pois minha casa é distante. Como eu tenho auxílio transporte, isso já é um fator positivo, pois auxilia bastante. Quem mora distante do instituto tem essa dificuldade de locomoção e o auxílio estudantil me dá a possibilidade de estar presente, tendo essa boa assiduidade no instituto (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 23/09/2016).

No começo a rua em que moro era perigosa, tem um trecho no qual é bem deserto, tem só mato dos lados e eu já vi um aluno daqui sendo assaltado. No começo era bem “difícil”, as vezes eu chegava atrasada porque eu tinha que esperar minha mãe para poder vir para a escola. Agora não...na rua tem mais casas e não chego mais atrasada (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 19/09/2016).

As respostas iniciais mostram como os estudantes entrevistados foram tendenciosos em fazer uma análise mais superficial e simples de suas realidades sociais e estudantis. Esse comportamento é muito prejudicial para o processo educativo, para a efetiva formação de cidadãos críticos, conhecedores dos desdobramentos da questão social e participantes do processo democrático, bem como de seres humanos sensíveis aos males provocados pelas desigualdades sociais e pobreza a que estão submetidos.

Essas falas reproduzem ainda a tendência institucionalizada por parte dos governos e do Estado, em limitar os problemas do processo educativo brasileiro ao âmbito intraescolar, responsabilizando exclusivamente professores e alunos por baixos desempenhos e fracasso da escola pública.

Diante dessa realidade, tem-se a necessidade de investir numa educação participativa e politizada, crítica e emancipadora, em que os alunos de escola pública compreendam o contexto em que estão vivendo e estudando, quais os fins de sua educação e formação escolar. É fundamental que estes se compreendam como pobres e a que e quem estão servindo, para que se tornem protagonistas de suas vidas e histórias e contribuam de forma efetiva para transformação social e o fim da desigualdade social.

4.3 O contexto socioeconômico e a vivência no IFMA Campus Imperatriz

No que diz respeito à vivência entre os alunos, de forma direta, não foi citado nenhum caso de discriminação ou exclusão em virtude de origens socioeconômicas. Todos citaram outros fatores e hábitos comportamentais determinantes na interação entre os estudantes e para a formação de grupos de amizade. Também não foram identificados formação de grupos de alunos identificados como minorias ou de dominantes.

Quando perguntados se questões como condição socioeconômica, formação educacional, ou localização residencial influenciam na formação de grupos específicos ou na aproximação ou distanciamento entre os alunos, de forma geral, os entrevistados responderam que não influencia diretamente, a não ser em alguns aspectos práticos, como por exemplo, a distância da residência. Segundo eles, isso pode dificultar os encontros externos ao campus, no entanto isso não está relacionado com questões de discriminação ou preconceito.

Alguns entrevistados enfatizaram que no início do curso houve uma certa aproximação em virtude de afinidades sociais e de origem de escolas, mas com o passar do tempo essa separação não existiu mais. Para estes alunos, existem outros critérios e características comportamentais que contribuem para a formação de grupos nas salas e no instituto, como o interesse pelos estudos, grupos de alunos com algum tipo de deficiência ou alunos que se reúnem por serem mais brincalhões e extrovertidos, que geralmente se relacionam mais extraclasse. A crença religiosa foi outro fator citado para a formação de grupos.

Essas ponderações ficam explícitas na fala da entrevistada 02:

No primeiro ano tinha essa diferença um pouquinho, no começo do ano. Mas agora que todo mundo tá no mesmo barco, não tem isso não. Quando você entra no IFMA puxa para os dois lados, mesmo a pessoa tendo estudado em escola particular. Quando vê que está no IFMA, as pessoas mais se unem do que param de se falar. Não vejo muita diferença de comportamento nos alunos de diferentes níveis sociais (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 21/09/2016).

Mesmo entre grupos por afinidades distintas que foram relatadas não existe hostilidade ou desentendimentos declarados. Quando acontecem brincadeiras, as mesmas não são levadas a sério pelos colegas, por exemplo. É que diz o entrevistado 3, quando perguntado se já vivenciou ou presenciou algum episódio de discriminação em virtude das as condições socioeconômicas suas ou de seus colegas:

Digamos que já. porque “digamos”: eu tenho uns amigos que são bem “zueiros”, bem “piadistas”, vivem fazendo graça, eu não sei se no olhar deles o que eles falaram é algo ruim, se falaram para machucar pra valer. Eu acho que não, apesar de já ter visto cenas de discriminação por causa da renda familiar, eu acredito que não seja algo tão sério de machucar propositalmente uma pessoa. Só uma questão mesmo de brincadeira na hora (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 21/09/2016) .

Convém esclarecer que o ponto de vista dos alunos entrevistados não é, necessariamente, a realidade absoluta da comunidade discente do IFMA Campus Imperatriz, uma vez que episódios de discriminação e bullying podem acontecer de diferentes formas e depende muito da subjetividade de quem vivencia determinada situação relacional. Caberia um maior aprofundamento a respeito desta questão em outro momento. Porém, para desenvolver este trabalho utilizou-se como parâmetro os depoimentos e opiniões dos alunos entrevistados.

Quando perguntados se a residência é fator que afeta as interações entre os grupos, 5 alunos disseram que não têm dificuldades de interação em virtude da localização residencial. Mas para 10 dos alunos a localização afeta consideravelmente a participação em passeios e encontros, principalmente pela distância e falta de meios de transporte. Como é o caso do entrevistado 15, que é surdo e teve sua entrevista mediada pelo seu intérprete de Libras. Para o referido aluno, “Sim, atrapalha. É um pouco ruim porque moro distante, em outra cidade e essa mobilidade custa tempo. Isso vai interferir, eu vou me adaptando, mas é ruim, é difícil” (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 20/09/2016).

De forma geral, através das entrevistas, pode-se identificar que os alunos têm consciência e percebem nitidamente as diferenças socioeconômicas presentes no campus, mas, aparentemente, não se mostraram desconfortáveis com essa realidade. Nenhum dos entrevistados citou episódio de discriminação ou exclusão em virtude de sua condição socioeconômica que pudesse atrapalhar a vivência com os colegas.

De acordo com os entrevistados, a renda afeta mais nos encontros extraclasse e passeios quando algum aluno não tem recursos para sair com o grupo, mas os colegas contribuem para que todos possam participar do momento de lazer. Como enfatiza a entrevistada 13 “Pode dificultar às vezes na questão de sair todo mundo e alguns não terem condições para sair. Mas a gente sempre chama e não tem isso, cada um ajuda no que pode” (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 20/09/2016).

As falas dos entrevistados demonstram mais os efeitos positivos da diversidade entre os alunos no âmbito do IFMA do que problemas. Partindo do observado, pode-se entender que a interação entre adolescentes de diferentes segmentos sociais pode contribuir para uma maior compreensão e reflexão das diferentes realidades de cada um e a conseqüente sensibilização e solidariedade entre indivíduos e grupos, diminuindo desta forma preconceitos e discriminações históricas na sociedade brasileira. Como mostra Chang (2005), quando as opiniões diferentes são apresentadas em determinado ambiente, especificamente as opiniões dos grupos

minoritários, a complexidade cognitiva é estimulada na maioria dos membros, propiciando desta forma uma vivência mais harmoniosa e pacífica. A diversidade na escola não deve ser fator causador de problemas, mas deve-se buscar a discussão saudável de questões polêmicas que são realçadas nesta situação. Um exemplo dessa necessidade é explicitado na fala da entrevistada 01:

Uma vez teve uma discussão na minha sala sobre a questão de cotas, tanto de baixa renda quanto de questão racial, de negro [...] Porque uns são a favor e outros não, pois dizem que essa questão de cota só vai dizer que a pessoa não tem capacidade. Enfim, foi uma discussão que muitos ficaram a favor, mas outros não aceitaram bem essa questão (SILVA, 2016, informação verbal concedida em 19/09/2016).

Como o processo de aprendizagem envolve diferentes formas de interação e múltiplas visões de mundo, a diversidade tende cada vez mais a desafiar os padrões vigentes nas instituições de ensino, tanto na avaliação, formulação e execução de políticas educacionais quanto no processo de formação e capacitação docente.

Diante dessa realidade, os professores e a comunidade escolar devem ter consciência do processo sócio-histórico em que estão vivendo e atuando, bem como ter clareza dos seus objetivos no processo de ensino, este não pode mais se dar de forma mecânica e alienada, mas voltado para uma educação de qualidade, que vise a emancipação dos estudantes e a real transformação social com o fim das desigualdades sociais. Por isso a importância de se conhecer quem são os alunos, quais são suas condições e perspectivas de vida e de futuro. Isso possibilitaria o conhecimento dos principais problemas em sala de aula.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou analisar como os diferentes contextos socioeconômicos dos alunos do IFMA Campus Imperatriz influenciam no desempenho acadêmico e na forma de interação dos alunos participantes do Programa de Assistência Estudantil, que são oriundos de famílias em situação de vulnerabilidade social. De acordo com Arroyo (2010), são múltiplos os fatores que podem contribuir para o bom ou mal desempenho dos estudantes na sala de aula, sendo que estes não se limitam aos determinantes intraescolares, mas envolvem também o aspecto social, econômico, político, cultural, de gênero, raça, etnia, campo e periferia, que têm impactos bem mais significativos nos rendimentos e desempenho acadêmico dos estudantes que os restritos à sala de aula e escola.

A forma como se darão as relações sociais entre indivíduos e grupos é determinada por um processo educativo amplo, que não se limita à escola, mas também a outros segmentos da sociedade, como família, igreja, comunidade, etc. As formas de sentir, pensar, agir e interagir

não são adquiridas por um processo natural e imutável, estas são na realidade adquiridas e aprendidas no processo de aprendizagem que envolve várias dimensões humanas e culturais. Por isso, no âmbito da escola, é importante compreender como estão sendo vivenciadas as múltiplas diferenças pessoais, sociais e culturais entre os alunos, para que sejam pensados métodos sociopedagógicos para uma educação que respeite as diferenças e valorize a diversidade dentro e fora da escola.

Dentro deste contexto, o IFMA Campus Imperatriz possui um perfil de alunos diferenciados, oriundos de diferentes níveis socioeconômicos, que não tiveram as mesmas oportunidades e base educacional, mas que atualmente estão enfrentando os mesmos desafios e dificuldades em nível de exigência no instituto. Por isso, decidiu-se analisar como os alunos que utilizam auxílios vivenciam essa diversidade, como se dão as relações de amizade e interações entre os grupos, observando se estas são influenciadas pela situação socioeconômica, bem como se há alguma influência no desempenho acadêmico.

As entrevistas mostraram que fatores como renda, estrutura e relacionamento familiar, localização residencial e transporte estão entre os aspectos socioeconômicos mais citados como dificultadores do processo de aprendizagem. A família pode contribuir tanto para o bom rendimento quanto para desencadear dificuldades de aprendizagem do aluno, dependendo do incentivo ou dos conflitos familiares.

A renda baixa da família pode dificultar a compra de materiais de estudo e meios de garantir a permanência nas aulas, como apostilhas, livros, computador, internet, pagamento de transporte para o deslocamento e alimentação dentro e fora do IFMA. A distância também é fator que dificulta a assiduidade e pontualidade dos alunos, provocando ainda cansaço e sono e baixa nos rendimentos. Como diz Santos (2012) são múltiplos os fatores adversos no processo de aprendizagem dos estudantes de famílias em situação de vulnerabilidade social, que são agravados com as crises econômicas, desastres naturais e desigualdade social. Neste sentido, várias medidas são necessárias para gerar condições propícias para a permanência destes alunos na escola.

Já em relação à interação entre os estudantes os dados mostram resultados distintos. Os entrevistados, por unanimidade, não acreditam que as condições socioeconômicas interferem ou influenciam nas relações de amizade e na formação de grupos. Pelo menos não de forma direta. Alguns citaram a falta de dinheiro como empecilho para os encontros e passeios das

turmas, mas também citam que todos colaboram para que quem não tenha condições financeiras participe também.

Existem outros critérios para a formação de grupos de amizade, como interesse pelos estudos ou algum hobby, hábitos de lazer, futebol, brincadeiras e opção por alguma religião. Exclusões, discriminação e preconceito em função de questões socioeconômicas não foram citadas nas entrevistas e nenhum caso foi relatado. Este aspecto positivo da diversidade entre os alunos é propício para o enriquecimento do processo educativo no sentido geral. Como diz Saviani (2005) a formação do ser humano se dá através do processo educativo, mas este não é um processo acabado, pois ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar e agir. Por isso, o cenário de diversidade na escola deve ser aproveitado para o aperfeiçoamento de um processo educativo mais rico e democrático, formando assim cidadãos e seres humanos mais qualificados para conviver numa sociedade multicultural e diversa.

Através deste estudo e por meio dos resultados encontrados, pretende-se contribuir para a reflexão e discussão a respeito da crescente diversidade dentro das instituições de ensino. Em razão de inúmeros fatores, cada vez mais pessoas de diferentes perfis, classes, culturas e localidades passaram a estudar juntas, compartilhando as mesmas experiências e ambientes, o que pode ser muito enriquecedor para a formação dos jovens e adultos, de todas os grupos, pois este cenário possibilita a troca de experiências de vida e pode gerar o sentido de empatia, respeito e solidariedade entre os diferentes grupos sociais.

Como conclusão, a importância da formação política e crítica dos estudantes nas escolas públicas brasileiras fica ressaltada, uma vez que estes são especificamente prejudicados pela desigualdade social. É fundamental que estes se percebam enquanto pobres, inseridos em um grupo social historicamente excluídos social e economicamente. No processo educativo das escolas públicas deve-se ter a intenção institucionalizada, por parte dos formuladores das políticas educacionais, dos docentes e dos educadores em geral, do desenvolvimento da consciência cidadã dos estudantes, para que estes compreendam seu papel e posicionamento na estrutura social em que estão inseridos, e tenham a alternativa de atuar de forma crítica e conscientemente política na sociedade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados**. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out-dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/WGyPfcRb7yFJpMfsj5pSxPx/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 19 nov.2016.

BRASIL, **Ministério da educação**. Legislação educacional. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br. > Acesso em: 15 nov. 2016.

BRASIL, **Ministério da Educação**. Inep instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira. Disponível em <<http://www.inep.gov.br/>> Acesso em: 20 nov. 2016.

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo**. Cadernos de pesquisa, Campinas, n. 115, p. 139-154, jul. 2001. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 19 nov.2016.

FREITAG, B. **Escola, estado e sociedade**. 4 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GODINHO, I. C. **Pobreza e desigualdade social no Brasil: um desafio para as políticas sociais**. In: II Conferência do desenvolvimento CODE, 2011, Brasília-DF. Anais do o I circuito de debates acadêmicos. Brasília: Ipea, 2011. Página 41. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_anaisdocircuito01.pdf. Acessado em: 21 nov. 2016

MOYSÉS, L. M. **O desafio de saber ensinar**. 2ª ed., Campinas: Papirus; Rio de Janeiro: editora da universidade federal fluminense, 1995.

POLOTO, L. **Um perfil da escola pública: a ideologia da prática pedagógica**. Maringá: universidade estadual de Maringá, 2012.

ENTREVISTA CONCEDIDA

ENTREVISTADO 1. Impactos da desigualdade social nas vivências e desempenhos educacionais dos alunos do IFMA Campus Imperatriz. [Entrevista concedida a] Elidiane Muniz da Silva. Imperatriz, 19/09/2016.

ENTREVISTADO 2. Impactos da desigualdade social nas vivências e desempenhos educacionais dos alunos do IFMA Campus Imperatriz. [Entrevista concedida a] Elidiane Muniz da Silva. Imperatriz, 21/09/2016.

ENTREVISTADO 3. Impactos da desigualdade social nas vivências e desempenhos educacionais dos alunos do IFMA Campus Imperatriz. [Entrevista concedida a] Elidiane Muniz da Silva. Imperatriz, 21/09/2016.

ENTREVISTADO 4. Impactos da desigualdade social nas vivências e desempenhos educacionais dos alunos do IFMA Campus Imperatriz. [Entrevista concedida a] Elidiane Muniz da Silva. Imperatriz, 22/09/2016.

ENTREVISTADO 5. Impactos da desigualdade social nas vivências e desempenhos educacionais dos alunos do IFMA Campus Imperatriz. [Entrevista concedida a] Elidiane Muniz da Silva. Imperatriz, 23/09/2016.

ENTREVISTADO 6. Impactos da desigualdade social nas vivências e desempenhos educacionais dos alunos do IFMA Campus Imperatriz. [Entrevista concedida a] Elidiane Muniz da Silva. Imperatriz, 20/09/2016.

ENTREVISTADO 7. Impactos da desigualdade social nas vivências e desempenhos educacionais dos alunos do IFMA Campus Imperatriz. [Entrevista concedida a] Elidiane Muniz da Silva. Imperatriz, 20/09/2016.